

Um candidato em campanha contra a imprensa

Atitudes censoras de Trump tornam o republicano uma ameaça ao jornalismo livre, dizem especialistas

HENRIQUE GOMES BATISTA
Correspondente
henrique.batista@oglobo.com.br

-WASHINGTON- Poucos políticos americanos foram tão favorecidos pela mídia como Donald Trump. E, ao mesmo tempo, poucos políticos se mostraram tão hostis à mídia como Donald Trump. O virtual candidato republicano à Casa Branca, que na segunda-feira revogou as credenciais dos repórteres do “Washington Post” — principal jornal da capital americana —, coleciona desentendimentos e perseguições à imprensa que, segundo especialistas, podem colocar em risco os jornalistas do país e intensificar uma onda global contra a liberdade de expressão.

— Odeio algumas destas pessoas (jornalistas), eu os odeio. Mas nunca iria matá-los. Eu nunca faria isso — disse Trump no fim de dezembro, dando uma mostra de sua opinião sobre a imprensa livre, um dos pilares dos Estados Unidos.

O americano Gene Policinski, diretor do Instituto Newseum (dedicado à imprensa) e do Institute of the First Amendment Center (defensor da Primeira Emenda da Constituição americana, que protege a liberdade de religião, expressão, imprensa e associação), afirma que, na História do país, poucos políticos entraram em enfrentamento aberto com a mídia. Ele diz, porém, que, no mundo atual, quando políticos como Trump — e antes dele, Barack Obama — conseguem atingir diretamente a população com as redes sociais, ficou “menos perigoso e prejudicial” para eles abrir uma batalha contra a imprensa.

— Ter em um grande partido um candidato que tantas vezes desprezou o papel dos meios de comunicação e atacou a figura do repórter é prejudicial. Banir importantes veículos de mídia, impedindo seu direito de informar, é ameaçador. Mas o grande perigo, se Trump for eleito, é seu objetivo declarado de enfraquecer as decisões judiciais que tornam difícil, senão impossível, uma figura pública processar com sucesso a imprensa sobre alegada difamação — disse Policinski ao GLOBO.

IMPACTO INTERNACIONAL

O especialista afirma que a imprensa deve agir como o “cão vigilante” da sociedade. Ele acredita que o risco à integridade dos jornalistas poderia ocorrer nos momentos dos discursos ou de grande convulsão, como é esperado na Convenção Republicana de Cleveland, em julho, quando o magnata deverá ser oficializado candidato. O evento poderia repetir a convenção democrata de 1968, quando 20 jornalistas foram agredidos em Chicago. Outros estudiosos temem impactos internacionais:

— Líderes autocratas de todo o planeta devem estar sorrindo de orelha a orelha a cada gesto de Donald Trump, que concorre ao cargo mais poderoso do mundo, contra a imprensa livre — afirma Carlos Lauría, diretor do Comi-



Relações conturbadas. Virtual candidato republicano à Presidência dos EUA, bilionário Donald Trump é cercado por um mar de repórteres em frente à Suprema Corte de Nova York

“Líderes autocratas de todo o planeta devem estar sorrindo de orelha a orelha a cada gesto de Donald Trump”

Carlos Lauría
Diretor do Comitê de Proteção aos Jornalistas (CPJ), em Nova York

tê de Proteção aos Jornalistas (CPJ) e coordenador para as Américas do organismo sediado em Nova York.

Lauría afirma que este posicionamento de Trump pode dar mais força a atos contra a imprensa livre cometidos em países como Turquia, Rússia, Etiópia, Equador e Hungria. Além disso, internamente, as atitudes de Trump, diz ele, podem causar autocensura e um risco desnecessário a jornalistas, que podem ser hostilizados por seus apoiadores.

O CPJ e outras instituições já emitiram notas de repúdio aos atos do candidato, visto como ameaça “real e negativa”. E não foram poucos episódios desse tipo em 12 meses de campanha do magnata — completados no dia 16 de junho, três dias após Trump proibir o “Washington Post” de acompanhar seus eventos alegando que o jornal foi “desonesto” na cobertura após o atentado de Orlando.

Sua campanha também proibiu veículos como “Político”, “Huffington Post”, “BuzzFeed”, “Gawker”, “Foreign Policy”, “The Des Moines Register” e o “The Daily Beast”. Trump deixou de ir a um debate alegando que a apresentadora da Fox News “o perseguia”. Expulsou Jorge Ramos, da rede de TV Univisión, de um comício. E seu chefe de campanha foi acusado de, intencionalmente, “causar hemato-

mas” em uma repórter da “Breitbart News”. O magnata também debochou de um jornalista do “New York Times” com deficiência física. Na opinião de Trump, veículos abandonaram a integridade em nome de cliques na internet.

MÍDIA BENEFICOU MAGNATA, DIZ ESTUDO

Mas os cliques favorecem Trump. Um estudo do respeitado Shorenstein Center, da Universidade Harvard, nos EUA, divulgado na segunda-feira, indicou que o republicano foi, de longe, o mais beneficiado nas exposições positivas. Segundo o levantamento, em oito veículos, Trump obteve, apenas no ano passado, o equivalente a US\$ 55 milhões (cerca de R\$ 200 milhões) em “publicidade gratuita”, levando em conta a cobertura noticiosa positiva ou neutra. Este valor é muito acima dos demais candidatos. “Nossa análise subestima significativamente o valor da exposição de Trump, porque foi baseada em somente oito veículos de comunicação. O senador Ted Cruz (ex-pré-candidato republicano) pode estar certo quando diz que a cobertura da mídia de Trump equivale a US\$ 2 bilhões (R\$ 7,6 bilhões) em compra de anúncios”, diz o documento.

Emissoras transmitem, diariamente, discursos de Trump na íntegra — e não são tão benevolentes com outros candida-

tos. Seu apelo junto à população — o bilionário é uma celebridade e foi apresentador de *reality shows* — garante um espaço maior. E é isso que Dana Milbank, um dos principais colunistas de política do “Washington Post”, quer combater:

“Trump ganhou a nomeação (republicana) usando o que os britânicos chamam de tática ‘gato morto’: Jogar o animal morto sobre a mesa, e então as pessoas só vão falar disso. Trump manteve-se assim um passo à frente dos cães de guarda da mídia”, escreveu, defendendo o fim das coberturas ao vivo de seus discursos e das entrevistas por telefone na TV, além de uma rigorosa verificação de seus discursos.

— Há episódios recentes da História americana que mostram que um presidente pode ser muito prejudicial para a imprensa. Falo de Richard Nixon, que não parou de usar subterfúgios, como espionagem e intimidação, para tentar controlar a mídia — diz Juan Carlos Hidalgo, analista do Centro Global de Liberdade e Prosperidade (Cato), em Washington.

Especialistas temem impactos mesmo no Judiciário. Afinal, se vencer em novembro, Trump não apenas controlará o país mais poderoso do mundo: ele poderá indicar juízes para a Suprema Corte, bastião da Constituição e, assim, da imprensa. ●

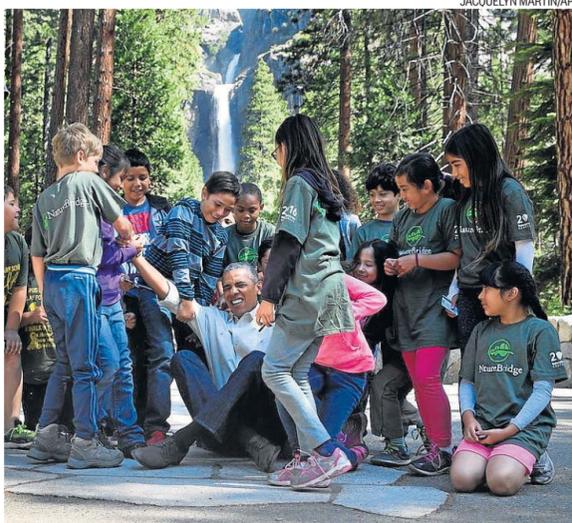
‘Ensinem a amar diferenças’, pede Obama

Presidente prega respeito após ataque em Orlando e cobra controle de armas

-LOS ANGELES, EUA- Enquanto as autoridades determinam se houve homofobia e terrorismo islâmico no ataque armado mais letal da História dos EUA, em Orlando, no último domingo, o presidente Barack Obama fez um apelo mais humano do que político: ontem, pediu aos pais que ensinem seus filhos a amar as pessoas e as suas diferenças — e não odiar ou temer valores distintos.

A declaração do presidente veio quase uma semana após a boate gay Pulse ter sido alvo do atentado, deixando 49 mortos e levando o mundo inteiro a discutir sobre a homofobia e o controle de armas no país. Em seu pronunciamento, dedicado ao Dia dos Pais nos EUA, Obama disse que “pensou muito nas famílias que tiveram que explicar às crianças a morte dos frequentadores da boate em Orlando”.

— Precisamos que nossos filhos nos ouçam falar sobre a importância da tolerância e da igualdade, sobre as ocasiões em que a sua ausência marcou



Obama. Crianças ajudam presidente a se levantar no parque de Yosemite

a nossa História e sobre como a maior compreensão melhorará o futuro que eles herdarão — disse o chefe de Estado.

Obama visitou nos últimos dias o parque federal de Yosemite, na Califórnia, onde se encontrou, ontem, com crianças para celebrar o centésimo aniversário da gestão federal do local.

— Como pais, devemos lembrar que há uma responsabilidade que sempre podemos sa-

tisfazer: nossa obrigação de dar a nossos filhos amor e apoio incondicional, mostrar a diferença entre o bem e o mal e ensinar a amar, e não a odiar, além de apreciar nossas diferenças não como algo a ser temido, mas como um grande presente.

Depois de uma semana com diferentes apelos do presidente para que o Congresso enfim aprove leis que aumentem a restrição ao acesso a armas pa-

ra investigados e pessoas suspeitas, ele mandou um recado.

— Depois que vimos pais chorando a morte de seus filhos, não tem sentido que um país não faça nada para impedir a próxima tragédia. É inadmissível autorizarmos o fácil acesso a armas de guerra nesses locais.

VOTAÇÕES CRUCIAIS AMANHÃ

Apesar de políticos como o candidato republicano à Casa Branca, Donald Trump, prometerem à Associação Nacional de Rifles (NRA, na sigla em inglês) que negociarão mudanças na legislação sem prejudicar o acesso a armamento, a comoção causada pela chacina uniu congressistas dos dois principais partidos. Amanhã, o Senado vota quatro medidas bipartidárias para a ampliação das verificações de antecedentes nas compras de armas de fogo e limitação à venda de armamentos para pessoas em listas de observação por possíveis ligações com o terrorismo ou de proibição de voto.

— Nada aconteceria se não tivéssemos ido ao plenário — comemorou o senador democrata Chris Murphy, que nesta semana fez uma manobra protelatória ao falar por 15 horas no púlpito até a Casa apresentar emendas de controle às armas. ●

Bélgica indícia três pessoas em ação antiterrorismo

Operação em 40 casas durante a Eurocopa detêm 12 e deixa país em alerta

-BRUXELAS- Três pessoas foram indiciadas por tentativa de assassinato em contexto terrorista após uma operação da polícia da Bélgica que deteve, na sexta-feira, 12 suspeitos de planejar atentados. A Europa está em alerta por conta da Eurocopa, torneio de futebol que acontece na França.

Agentes fizeram buscas em cerca de 40 casas, em 16 municípios, à procura de suspeitos. Segundo autoridades, ao todo 40 pessoas foram interrogadas. Outros 150 locais foram revistados pelas autoridades, mas não foram encontrados explosivos ou armamento. Dentre os detidos, haveria um homem de 31 anos que trabalha em um aeroporto.

— Os resultados da investigação exigiam uma intervenção imediata — disse um porta-voz da Procuradoria do país.

Os indiciados, Samir C., Moustapha B. e Jawad B., foram acusados formalmente de

participação em grupo terrorista e estão sob prisão preventiva. Os outros nove foram soltos após interrogatório.

Segundo uma TV local, áreas onde as torcidas se reuniram para acompanhar a partida entre Bélgica e Irlanda, ontem, eram alvos potenciais em ataques planejados para este fim de semana. Outros pontos ameaçados eram shoppings e meios de transporte.

Na quarta-feira, a polícia belga recebeu um alerta antiterrorismo sobre um grupo do Estado Islâmico. Dois dias depois, autoridades prenderam um homem sob suspeita de participar de atividades terroristas em conexão com os ataques de Bruxelas.

Em março, duas explosões atingiram o aeroporto internacional da capital belga. Ao menos 31 pessoas foram mortas e outras 250 ficaram feridas. Após os atentados, vários países europeus reforçaram a segurança nos aeroportos e estações de transporte. ●



NA WEB
globo/fxwjlw
Vídeo: Marcha silenciosa na França